

**GESTÃO DO CONHECIMENTO PARA CONTEXTOS
COMUNITÁRIOS: UMA PROPOSIÇÃO TEÓRICO-ANALÍTICA PARA
A PRODUÇÃO E O COMPARTILHAMENTO DE SABERES EM
INTERFACES SOCIOCULTURAIS**
*KNOWLEDGE MANAGEMENT FOR COMMUNITY CONTEXTS: A
THEORETICAL-ANALYTICAL PROPOSAL FOR THE PRODUCTION AND
SHARING OF KNOWLEDGE IN SOCIOCULTURAL INTERFACES*

Camila Queiroz Valentim.

Mestranda em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental
Universidade da Amazônia (UNAMA) – Brasil.
camilaqueiroz.mq@gmail.com

Irlan Menezes da Paixão

Mestre em saúde e ambiente
Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) – Brasil.
Irlanenfermeiro@gmail.com

Reginaldo Gonçalves Rosa Filho.

Mestrando em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental
Universidade da Amazônia (UNAMA) – Brasil.
reginaldofilho895@gmail.com

RESUMO

A Gestão do Conhecimento consolidou-se como um campo voltado à compreensão dos processos de criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento em ambientes organizacionais. Entretanto, sua utilização para interpretar processos de produção e circulação de saberes em contextos comunitários permanece pouco explorada. Diante dessa lacuna, este estudo tem como objetivo analisar como os referenciais da Gestão do Conhecimento contribuem para compreender os processos de produção, compartilhamento, mediação e apropriação; articulando interfaces entre patrimônio, saúde e educação. Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica integrativa e análise teórico-interpretativa da literatura. A análise evidenciou que os fundamentos clássicos da Gestão do Conhecimento, especialmente aqueles relacionados ao conhecimento tácito, à criação do conhecimento, à construção de significados e às comunidades de prática, oferecem suporte analítico para interpretar dinâmicas socioculturais que extrapolam o ambiente organizacional. A integração desses referenciais permitiu identificar processos comuns de interação social, produção, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação do conhecimento, culminando na proposição de um modelo teórico-analítico aplicável a contextos comunitários. Conclui-se que a Gestão do Conhecimento possui potencial para ampliar seu campo de aplicação ao oferecer uma estrutura interpretativa capaz de compreender a produção social dos saberes em diferentes interfaces socioculturais,

contribuindo para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar e para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre comunidades e produção coletiva do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão do Conhecimento; Comunidades; Produção do Conhecimento; Aprendizagem Social; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Knowledge Management has established itself as a field focused on understanding the processes of knowledge creation, sharing, and application in organizational environments. However, its use in interpreting processes of knowledge production and circulation in community contexts remains underexplored. Given this gap, this study aims to analyze how the frameworks of Knowledge Management contribute to understanding the processes of production, sharing, mediation, and appropriation; articulating interfaces between heritage, health, and education. This is a theoretical-conceptual research, with a qualitative approach, developed through an integrative bibliographic review and theoretical-interpretative analysis of the literature. The analysis showed that the classic foundations of Knowledge Management, especially those related to tacit knowledge, knowledge creation, meaning-making, and communities of practice, offer analytical support for interpreting sociocultural dynamics that extend beyond the organizational environment. The integration of these frameworks allowed the identification of common processes of social interaction, production, sharing, mediation, appropriation, learning, and transformation of knowledge, culminating in the proposition of a theoretical-analytical model applicable to community contexts. It is concluded that Knowledge Management has the potential to expand its field of application by offering an interpretative framework capable of understanding the social production of knowledge in different sociocultural interfaces, contributing to the strengthening of interdisciplinary dialogue and to the development of future research on communities and the collective production of knowledge.

KEYWORDS: *Knowledge Management; Communities; Knowledge Production; Social Learning; Interdisciplinarity.*

1. INTRODUÇÃO

A Gestão do Conhecimento consolidou-se, nas últimas décadas, como um campo voltado à compreensão dos processos de criação, compartilhamento, uso e aplicação do conhecimento em organizações, constituindo uma das principais bases teóricas para estudos sobre aprendizagem, inovação e desempenho institucional (Nonaka & Takeuchi, 1997; Davenport & Prusak, 1998; Choo, 2003).

Nos últimos anos, entretanto, o campo tem ampliado seu escopo analítico ao incorporar discussões relacionadas à criação de valor, ecossistemas colaborativos, inovação social e impacto do conhecimento em diferentes contextos organizacionais e interorganizacionais (Lönnqvist et al., 2022).

Apesar desse movimento de expansão, observa-se que a produção científica permanece predominantemente orientada aos ambientes organizacionais, sendo ainda limitada a construção de modelos teóricos capazes de interpretar os processos de produção e compartilhamento do conhecimento em contextos comunitários.

Paralelamente, diferentes campos do conhecimento, como os estudos do patrimônio cultural, da saúde coletiva e da educação, vêm demonstrando que comunidades constituem espaços permanentes de produção, circulação e transformação de saberes construídos a partir das interações entre sujeitos, práticas sociais e territórios (Freire, 1996; Wenger, 1998; Smith, 2006).

Nessas perspectivas, o conhecimento é compreendido como um processo social continuamente produzido, compartilhado, apropriado e ressignificado pelas experiências coletivas, aproximando-se de conceitos centrais da Gestão do Conhecimento, como conhecimento tácito, aprendizagem, comunidades de prática e construção compartilhada de significados (Polanyi, 1966; Nonaka & Takeuchi, 1997; Choo, 2003).

Embora essas aproximações sejam teoricamente consistentes, ainda são reduzidas as iniciativas voltadas à integração desses referenciais em uma estrutura analítica comum. A literatura recente evidencia o crescente interesse da Gestão do Conhecimento por redes colaborativas, inovação aberta e processos de criação coletiva de valor, mas tais discussões permanecem majoritariamente vinculadas a organizações, ecossistemas de inovação e relações interinstitucionais.

Diante dessa lacuna, este artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: como os referenciais da Gestão do Conhecimento podem contribuir para compreender os processos de produção, compartilhamento e transformação de saberes em contextos comunitários, considerando as interfaces entre patrimônio, saúde e educação?

Para responder a essa questão, o estudo tem como objetivo analisar as contribuições da Gestão do Conhecimento para a compreensão desses processos, articulando referenciais provenientes da Ciência da Informação, dos estudos sobre patrimônio cultural, da saúde coletiva e da educação. Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica integrativa e análise teórico-interpretativa da literatura.

Como principal contribuição, o artigo propõe um modelo teórico-analítico destinado a compreender a produção social do conhecimento em contextos comunitários a partir da integração dos fundamentos clássicos da Gestão do Conhecimento com referenciais

provenientes de diferentes campos socioculturais, fortalecendo o diálogo interdisciplinar e abrindo novas possibilidades para pesquisas futuras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GESTÃO DO CONHECIMENTO PARA ALÉM DAS ORGANIZAÇÕES

Polanyi (1966), ao demonstrar que parte significativa do conhecimento humano possui natureza tácita e, portanto, não pode ser integralmente codificada ou formalizada. Ao afirmar que "sabemos mais do que podemos dizer", o autor evidencia que o conhecimento está incorporado às experiências, habilidades e práticas desenvolvidas pelos indivíduos ao longo de sua trajetória. O conhecimento, nessa perspectiva, não se restringe aos registros documentais ou às bases de informação, mas é continuamente produzido, compartilhado e transformado nas relações estabelecidas entre sujeitos e coletividades.

Nonaka e Takeuchi (1997) explicam a criação do conhecimento como resultado da interação contínua entre conhecimentos tácito e explícito. O modelo SECI demonstra que a produção do conhecimento ocorre por meio dos processos de socialização, externalização, combinação e internalização, evidenciando que a aprendizagem depende da interação entre indivíduos, da troca de experiências e da construção coletiva de significados. Embora desenvolvido para compreender organizações empresariais, o modelo descreve mecanismos inerentes às relações humanas e, por essa razão, oferece bases conceituais capazes de interpretar processos de criação do conhecimento em diferentes contextos sociais.

Enquanto Nonaka e Takeuchi (1997) concentram sua análise nos mecanismos de conversão do conhecimento, Choo (2003) amplia essa compreensão ao defender que a Gestão do Conhecimento envolve processos interdependentes de construção de significados, criação do conhecimento e tomada de decisões. Para o autor, conhecer não significa apenas acumular informações, mas interpretar experiências, produzir sentidos compartilhados e orientar ações coletivas. Essa abordagem desloca o foco da informação para os processos interpretativos que sustentam a aprendizagem, permitindo compreender o conhecimento como um fenômeno social construído pelas interações entre indivíduos e grupos.

Essa dimensão relacional é aprofundada por Wenger (1998), ao propor o conceito de comunidades de prática. Segundo o autor, o conhecimento emerge da participação ativa em práticas compartilhadas, sendo continuamente aperfeiçoado pela interação entre indivíduos que dividem experiências, repertórios e objetivos comuns. A aprendizagem deixa de ser

compreendida como um processo exclusivamente individual para assumir natureza essencialmente coletiva, sustentada pela participação social e pelo engajamento contínuo nas práticas da comunidade.

Embora desenvolvidos em perspectivas distintas, esses autores convergem ao compreender o conhecimento como um fenômeno social. Polanyi (1966) evidencia sua dimensão tácita; Nonaka e Takeuchi (1997) explicam os mecanismos de sua criação; Choo (2003) demonstra que o conhecimento depende da construção compartilhada de significados; e Wenger (1998) evidencia que a aprendizagem emerge da participação em práticas coletivas. Em conjunto, esses referenciais fornecem uma base conceitual consistente para compreender a produção do conhecimento como um processo social que transcende os limites organizacionais.

Essa interpretação converge com a evolução recente da literatura internacional, que vem ampliando o campo da Gestão do Conhecimento para contextos colaborativos, ecossistemas de inovação, inovação social e criação de valor compartilhado (Schiuma, 2022; Secundo et al., 2021).

Apesar desse avanço, permanecem escassas proposições teóricas capazes de integrar esses fundamentos à compreensão da produção social do conhecimento em comunidades. Nesse sentido, os referenciais discutidos neste tópico oferecem as bases conceituais para interpretar comunidades como ambientes dinâmicos de produção, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação dos saberes, perspectiva que será aprofundada na seção seguinte.

2.2 COMUNIDADES COMO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO

A compreensão das comunidades como espaços de produção do conhecimento exige superar interpretações que as reduzem ao papel de depositárias de tradições ou de transmissoras de práticas herdadas. Em diferentes contextos socioculturais, comunidades constituem ambientes dinâmicos nos quais o conhecimento é continuamente produzido, compartilhado, apropriado e transformado pelas interações estabelecidas entre indivíduos, grupos e territórios. Nessa perspectiva, o conhecimento deixa de ser compreendido como um patrimônio estático e passa a ser reconhecido como um processo social permanentemente reconstruído pelas experiências coletivas e pelas práticas cotidianas.

Para Wenger (1998), aprender significa integrar-se a práticas compartilhadas, construir repertórios comuns e produzir significados coletivamente. O conhecimento, portanto, não é produzido de forma isolada, mas resulta da interação contínua entre sujeitos que compartilham experiências, valores e objetivos comuns. Essa perspectiva desloca a aprendizagem do âmbito estritamente individual para compreendê-la como um fenômeno eminentemente social.

Em sentido convergente, Freire (1996) compreende o conhecimento como resultado do diálogo e da problematização da realidade. Para o autor, ensinar e aprender constituem processos inseparáveis, desenvolvidos pela interação crítica entre sujeitos que compartilham experiências e constroem coletivamente novos significados. A aprendizagem deixa de representar a simples transmissão de conteúdos para assumir caráter participativo, no qual o conhecimento é continuamente produzido e reconstruído pela ação coletiva. Essa perspectiva reforça a compreensão das comunidades como ambientes ativos de produção de conhecimento, nos quais o diálogo constitui elemento estruturante dos processos de aprendizagem.

Os estudos sobre patrimônio cultural também contribuem para essa discussão ao deslocarem o foco da preservação de bens para os processos sociais responsáveis pela atribuição de significados. Smith (2006) argumenta que o patrimônio deve ser compreendido como uma prática cultural continuamente produzida pelas relações sociais, enquanto Davallon (2007) evidencia que os processos de mediação desempenham papel fundamental na construção, circulação e apropriação dos conhecimentos associados ao patrimônio. Nessa perspectiva, preservar não significa apenas conservar bens ou registrar informações, mas garantir a continuidade das práticas sociais responsáveis pela produção e pela atualização dos saberes.

Embora desenvolvidos em campos distintos, esses referenciais convergem ao reconhecer que o conhecimento é produzido nas relações sociais e depende da interação contínua entre indivíduos e coletividades. Aprendizagem, diálogo, participação, mediação e construção compartilhada de significados constituem processos complementares que explicam como os saberes são continuamente produzidos e transformados em contextos comunitários. Essa convergência amplia as possibilidades analíticas da Gestão do Conhecimento ao demonstrar que seus fundamentos podem ser mobilizados para interpretar fenômenos que extrapolam o ambiente organizacional.

Sob essa perspectiva, comunidades podem ser compreendidas como espaços permanentes de produção e compartilhamento do conhecimento, nos quais diferentes práticas sociais favorecem a criação, a circulação, a apropriação e a transformação de saberes. Mais do

que ambientes de preservação cultural, constituem ecossistemas de aprendizagem coletiva sustentados pela interação entre sujeitos, experiências e territórios. Essa compreensão estabelece as bases para discutir, no tópico seguinte, como esses processos se manifestam em diferentes interfaces socioculturais, particularmente nos campos do patrimônio, da saúde e da educação.

2.3 A GESTÃO DO CONHECIMENTO EM INTERFACES SOCIOCULTURAIS: APROXIMAÇÕES ENTRE PATRIMÔNIO, SAÚDE E EDUCAÇÃO

Os referenciais discutidos anteriormente evidenciam que os processos de produção, compartilhamento e transformação do conhecimento extrapolam os ambientes organizacionais e manifestam-se em diferentes práticas socioculturais. Embora patrimônio, saúde e educação constituam campos científicos autônomos, todos se estruturam a partir de dinâmicas coletivas de construção, circulação e apropriação dos saberes. Essa convergência aproxima tais campos dos fundamentos da Gestão do Conhecimento e amplia seu potencial de aplicação para contextos comunitários.

No patrimônio cultural, o conhecimento é produzido pela atribuição coletiva de significados às práticas, memórias e bens culturais. Para Smith (2006), o patrimônio constitui uma prática social continuamente reconstruída pelas comunidades, enquanto Davallon (2007) demonstra que os processos de mediação possibilitam a circulação, a interpretação e a resignificação desses saberes. Assim, a preservação do patrimônio depende menos da conservação de objetos e mais da continuidade das práticas sociais que sustentam sua transmissão.

Na saúde, a produção do conhecimento ocorre pela articulação entre saberes técnico-científicos e conhecimentos construídos nas experiências cotidianas das comunidades. As práticas de cuidado são continuamente compartilhadas, apropriadas e transformadas por meio das relações estabelecidas entre indivíduos, famílias e territórios, evidenciando que a aprendizagem coletiva constitui elemento central para a promoção da saúde e o fortalecimento das práticas comunitárias.

Na educação, o conhecimento emerge do diálogo, da participação e da construção compartilhada da aprendizagem. Conforme Freire (1996), ensinar e aprender constituem processos indissociáveis, nos quais educadores e aprendizes produzem conhecimento de forma

colaborativa. Nessa perspectiva, a aprendizagem deixa de representar mera transmissão de conteúdos para constituir um processo permanente de produção coletiva de saberes.

Apesar das especificidades de cada campo, patrimônio, saúde e educação compartilham processos estruturantes relacionados à interação social, à mediação, ao compartilhamento, à apropriação e à transformação do conhecimento. Essa convergência reforça a compreensão de que a Gestão do Conhecimento oferece um referencial analítico capaz de interpretar dinâmicas socioculturais fundamentadas na aprendizagem coletiva e na produção social dos saberes.

Essa interpretação dialoga com a literatura contemporânea da Gestão do Conhecimento, que vem ampliando seu campo de investigação para ecossistemas colaborativos, inovação social e processos de criação coletiva de valor (Schiuma, 2022; Secundo et al., 2021). Entretanto, observa-se que essas discussões permanecem predominantemente direcionadas a organizações e redes institucionais, sendo ainda incipientes as proposições voltadas à compreensão integrada da produção do conhecimento em comunidades.

Nesse contexto, embora existam estudos que abordem patrimônio, saúde e educação sob perspectivas específicas, não foram identificadas, na literatura analisada, proposições teóricas que integrem esses campos em um modelo analítico orientado pela Gestão do Conhecimento. É justamente essa lacuna que fundamenta a proposição apresentada neste estudo, desenvolvida na seção seguinte.

3. PROPOSIÇÃO DE UM MODELO TEÓRICO-ANALÍTICO PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

A articulação dos referenciais discutidos nas seções anteriores evidencia que a Gestão do Conhecimento oferece instrumentos conceituais capazes de interpretar processos sociais que ultrapassam o ambiente organizacional. Embora desenvolvidos em contextos empresariais, conceitos como conhecimento tácito, aprendizagem coletiva, construção de significados e comunidades de prática permitem compreender como diferentes coletividades produzem, compartilham e transformam conhecimentos por meio das interações estabelecidas entre seus membros.

Essa aproximação possibilita compreender comunidades como ambientes permanentes de produção do conhecimento, nos quais diferentes práticas sociais operam segundo dinâmicas semelhantes de aprendizagem, compartilhamento e mediação. Sob essa perspectiva,

SBGC – Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento – sbgc.org.br

KM Brasil 2026 - 21º Congresso Brasileiro de Gestão do Conhecimento – kmbrasil.org

patrimônio, saúde e educação deixam de representar campos isolados de investigação para constituírem diferentes manifestações de um mesmo fenômeno sociocognitivo: a produção coletiva do conhecimento em contextos comunitários.

Com base nessa interpretação, propõe-se um modelo teórico-analítico constituído por seis processos interdependentes: interação social, produção do conhecimento, compartilhamento, mediação, aprendizagem e transformação social. O modelo parte do pressuposto de que o conhecimento emerge das relações estabelecidas entre indivíduos e grupos, sendo continuamente produzido pelas experiências compartilhadas, mediado pelas práticas sociais, apropriado por processos de aprendizagem e transformado em novos saberes capazes de responder às necessidades da comunidade.

Nesse modelo, a interação social constitui o elemento estruturador dos demais processos. É por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos que experiências são compartilhadas, significados são construídos e conhecimentos passam a integrar o repertório coletivo da comunidade. A produção do conhecimento deixa, assim, de representar um fenômeno individual para assumir caráter essencialmente coletivo, sustentado pelo diálogo, pela participação e pela construção compartilhada de sentidos.

A mediação ocupa posição central nesse processo ao favorecer a circulação e a ressignificação dos saberes produzidos socialmente. Mais do que transmitir conhecimentos, a mediação promove sua contextualização, interpretação e adaptação às diferentes realidades vivenciadas pelas comunidades, fortalecendo processos permanentes de aprendizagem e inovação social.

Como consequência, patrimônio, saúde e educação podem ser compreendidos como interfaces socioculturais nas quais esses processos se materializam de maneiras distintas, embora orientados por uma lógica comum de produção e compartilhamento do conhecimento. Essa interpretação evidencia que a Gestão do Conhecimento não se restringe à administração de ativos organizacionais, mas constitui uma perspectiva analítica capaz de explicar processos coletivos de construção do conhecimento em diferentes contextos sociais.

O modelo proposto não representa apenas a organização gráfica dos referenciais analisados. Sua contribuição reside na integração de processos tradicionalmente discutidos de forma fragmentada em diferentes áreas do conhecimento, oferecendo uma estrutura analítica única para interpretar a produção social do conhecimento em contextos comunitários.

A Figura 1 logo abaixo sintetiza a proposta teórico-analítica desenvolvida neste estudo, evidenciando a relação entre os processos de Gestão do Conhecimento e sua manifestação em interfaces socioculturais comunitárias.



Figura 1 – Modelo teórico-analítico da Gestão do Conhecimento em contextos comunitários
Fonte: Elaboração dos autores (2026)

4. METODOLOGIA

Este estudo se trata de uma pesquisa teórico-conceitual, com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica integrativa e análise teórico-interpretativa da literatura. Esse delineamento está relacionado ao objetivo de compreender como os referenciais da Gestão do Conhecimento podem contribuir para a interpretação dos processos de produção, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação dos saberes em contextos comunitários, articulando contribuições da Gestão do Conhecimento, dos estudos sobre patrimônio cultural, da saúde e da educação.

De acordo com Torraco (2005), a revisão integrativa permite reunir e sintetizar conhecimentos oriundos de diferentes perspectivas teóricas, favorecendo a construção de novas interpretações e proposições conceituais por meio da literatura existente.

A composição do corpus bibliográfico orientou-se pela aderência ao problema e aos objetivos da pesquisa, considerando dois conjuntos. O primeiro foi formado por obras clássicas que fundamentam a Gestão do Conhecimento, especialmente aquelas relacionadas ao conhecimento tácito, à criação e conversão do conhecimento, à construção de significados e às comunidades de prática, com destaque para Polanyi (1966), Nonaka e Takeuchi (1997), Choo (2003) e Wenger (1998).

O segundo trouxe contribuições dos estudos sobre patrimônio cultural, mediação, aprendizagem social e educação dialógica, contemplando autores como Smith (2006), Davallon (2007) e Freire (1996), e ainda publicações recentes que deram mais atualidade ao debate sobre Gestão do Conhecimento, inovação social, colaboração e ampliação do campo de aplicação da área. Para composição da análise, foram considerados trabalhos diretamente relacionados aos conceitos e processos investigados, e foram excluídos aqueles sem pertinência temática com o problema proposto.

O processo de análise passou por três movimentos articulados. Primeiramente realizou-se a leitura dos referenciais selecionados e a identificação dos conceitos e processos relacionados à produção, ao compartilhamento, à mediação, à aprendizagem, à apropriação e à transformação do conhecimento. Na sequência, os conceitos foram organizados e comparados entre diferentes campos teóricos, a fim de identificar convergências, complementaridades e especificidades. Essa etapa considerou, de maneira minuciosa, a compreensão do conhecimento tácito em Polanyi (1966), os processos de criação do conhecimento em Nonaka e Takeuchi (1997), a construção de significados em Choo (2003), a aprendizagem situada e as comunidades de prática em Wenger (1998), e ainda as contribuições de Freire (1996), Smith (2006) e Davallon (2007) para melhor compreensão dos processos educativos, culturais e de mediação.

Sequencialmente, os elementos identificados foram submetidos a uma síntese teórico-interpretativa, para que fossem reconhecidos os processos comuns entre os referenciais analisados e sua pertinência para a compreensão de contextos comunitários. A análise não visou mensurar a produção científica ou estabelecer uma revisão sistemática de evidências, mas sim integrar criticamente diferentes contribuições teóricas acerca do fenômeno investigado.

A unidade interpretativa correspondeu, desse modo, aos processos pelos quais os conhecimentos são produzidos, compartilhados, mediados, apropriados, aprendidos e transformados nas relações sociais. A comparação entre os referenciais permitiu organizar esses processos em categorias analíticas, que foram utilizadas *a posteriori* como fundamento para a construção do modelo teórico-analítico proposto.

Finalmente, a proposição do modelo surgiu da articulação dos conceitos recorrentes identificados na literatura, sem pretensão de substituir os referenciais específicos dos campos analisados ou de apresentar validação empírica. O modelo foi construído como síntese conceitual das relações identificadas entre interação social, produção do conhecimento, compartilhamento, mediação, aprendizagem, apropriação e transformação social, permitindo interpretar patrimônio, saúde e educação como interfaces socioculturais onde diferentes formas de produção e circulação de saberes podem ser observadas. Desse modo, o percurso metodológico baseou-se na seleção orientada da literatura, na análise comparativa dos referenciais e na síntese interpretativa dos conceitos, de acordo com a natureza teórico-conceitual do estudo.

5. DISCUSSÃO TEÓRICA: UMA PROPOSIÇÃO ANALÍTICA PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

A análise desenvolvida demonstra que os fundamentos da Gestão do Conhecimento possuem capacidade explicativa que ultrapassa os ambientes organizacionais nos quais o campo foi originalmente consolidado. Embora seus principais modelos tenham sido formulados para compreender aprendizagem, inovação e desempenho institucional, os processos que os sustentam — criação, compartilhamento, mediação, apropriação e aprendizagem — decorrem das interações sociais e podem ser observados em diferentes contextos comunitários. Essa interpretação amplia o alcance analítico da Gestão do Conhecimento sem alterar seus pressupostos conceituais.

Essa compreensão converge com a literatura contemporânea, que vem ampliando a Gestão do Conhecimento para ecossistemas colaborativos, inovação social e criação coletiva de valor (Schiuma, 2022; Secundo et al., 2021). Entretanto, esses estudos permanecem predominantemente direcionados a organizações e redes institucionais. O modelo proposto avança ao demonstrar que os mesmos processos fundamentais também estruturam a produção

do conhecimento em comunidades, nas quais o conhecimento é mobilizado para fortalecer práticas sociais, identidades culturais e processos coletivos de aprendizagem.

A integração dos referenciais analisados evidencia que patrimônio, saúde e educação não constituem aplicações independentes da Gestão do Conhecimento, mas diferentes manifestações de um mesmo processo sociocognitivo. Apesar das especificidades de cada campo, todos compartilham mecanismos relacionados à interação social, construção compartilhada de significados, aprendizagem coletiva e transformação contínua dos saberes. Essa convergência fundamenta a proposição do modelo teórico-analítico apresentado na Figura 1 mostrada acima.

O modelo organiza esses processos em uma dinâmica sistêmica composta por interação social, produção do conhecimento, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação social. Diferentemente de uma sequência linear, esses processos estabelecem relações contínuas de retroalimentação, nas quais os conhecimentos produzidos coletivamente são permanentemente reinterpretados, apropriados e transformados pelas comunidades. Nessa dinâmica, a interação social constitui o elemento estruturador do sistema, pois viabiliza a produção, a circulação e a renovação do conhecimento.

A principal contribuição teórica deste estudo consiste em propor uma estrutura analítica capaz de integrar referenciais da Gestão do Conhecimento, do patrimônio cultural, da saúde e da educação para interpretar a produção social do conhecimento em contextos comunitários. Diferentemente de abordagens centradas na gestão de ativos organizacionais, o modelo desloca a análise para os processos que sustentam a produção, o compartilhamento e a transformação dos saberes em práticas sociais coletivas, ampliando o campo de aplicação da Gestão do Conhecimento.

Assim, a proposição apresentada não pretende substituir referenciais específicos dos campos analisados, mas oferecer uma perspectiva integradora para compreender processos comuns de produção, compartilhamento, aprendizagem e transformação do conhecimento. Ao aproximar áreas tradicionalmente investigadas de forma independente, o modelo amplia as possibilidades analíticas da Gestão do Conhecimento e estabelece bases conceituais para futuras pesquisas sobre comunidades, inovação social e produção coletiva do conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES

6.1 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO

Este estudo amplia as possibilidades de aplicação da Gestão do Conhecimento ao demonstrar que seus referenciais clássicos oferecem suporte teórico para interpretar processos de produção, compartilhamento e transformação do conhecimento em contextos comunitários. Embora a literatura da área tenha se desenvolvido predominantemente em torno das organizações, a análise realizada evidencia que os processos fundamentais descritos pela Gestão do Conhecimento também estruturam práticas socioculturais nas quais o conhecimento é continuamente construído por meio da interação entre sujeitos, experiências e territórios.

A articulação entre os referenciais da Gestão do Conhecimento, do patrimônio cultural, da saúde e da educação permitiu identificar uma convergência analítica que transcende as especificidades de cada campo disciplinar. Embora orientadas por finalidades distintas, essas áreas compartilham dinâmicas relacionadas à interação social, à produção coletiva de conhecimento, ao compartilhamento de experiências, à mediação, à apropriação dos saberes, à aprendizagem e à transformação das práticas sociais. Essa aproximação fundamentou a elaboração de um modelo teórico-analítico capaz de integrar essas dinâmicas em uma estrutura interpretativa única, preservando as particularidades de cada campo sem perder de vista os processos que lhes são comuns.

Dessa forma, o estudo contribui para aproximar a Gestão do Conhecimento de debates relacionados ao patrimônio, à saúde e à educação, reforçando seu potencial como campo interdisciplinar voltado à compreensão de fenômenos sociais complexos. Ao deslocar a atenção da gestão de ativos organizacionais para os processos coletivos de construção do conhecimento, o artigo amplia o alcance analítico da área e evidencia novas possibilidades de investigação em contextos comunitários.

O avanço teórico proposto não reside na criação de novos conceitos para a Gestão do Conhecimento, mas na demonstração de que seus fundamentos podem ser mobilizados para compreender processos sociais que extrapolam o contexto organizacional. Ao evidenciar essa capacidade integradora, o estudo oferece uma síntese conceitual que aproxima diferentes campos do conhecimento e disponibiliza um referencial analítico para futuras pesquisas sobre produção, compartilhamento e transformação de saberes em comunidades.

6.2 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

As implicações teóricas deste estudo decorrem da demonstração de que os referenciais clássicos da Gestão do Conhecimento oferecem potencial analítico para compreender processos

de produção, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação do conhecimento em contextos comunitários. Ao aproximar a Gestão do Conhecimento de campos voltados à compreensão dos processos socioculturais, entre eles o patrimônio cultural, a saúde e a educação, o estudo amplia as possibilidades de aplicação desses referenciais sem alterar seus fundamentos conceituais, evidenciando sua capacidade de interpretar fenômenos sociais complexos para além do contexto organizacional.

A síntese desenvolvida também contribui para fortalecer o diálogo interdisciplinar entre áreas que, embora possuam tradições teóricas distintas, compartilham dinâmicas relacionadas à construção coletiva dos saberes. Nesse sentido, o modelo teórico-analítico proposto oferece uma estrutura interpretativa que pode subsidiar novas investigações interessadas na aprendizagem social, nas comunidades de prática, na mediação do conhecimento e na circulação de saberes em diferentes contextos comunitários. Ao organizar esses processos em um mesmo referencial analítico, o estudo favorece análises comparativas entre diferentes realidades sociais, preservando as especificidades de cada campo de investigação.

Sob a perspectiva prática, o modelo pode orientar pesquisadores, universidades, instituições culturais, escolas, serviços de saúde, organizações da sociedade civil e órgãos públicos na compreensão dos fatores que favorecem a produção e o compartilhamento do conhecimento em comunidades. Sua utilização possibilita identificar como processos de interação social, mediação, aprendizagem e apropriação dos saberes influenciam iniciativas voltadas ao fortalecimento das práticas comunitárias, contribuindo para o planejamento e a avaliação de ações fundamentadas na participação social e na valorização dos conhecimentos locais.

O modelo apresenta, ainda, potencial de aplicação em programas de extensão universitária, projetos de desenvolvimento territorial, ações de promoção da saúde, iniciativas de educação comunitária e estratégias de salvaguarda do patrimônio cultural. Em todos esses contextos, a Gestão do Conhecimento passa a ser compreendida como um referencial capaz de apoiar a interpretação das dinâmicas sociais que sustentam a construção coletiva dos saberes, ampliando sua contribuição para processos de inovação social e desenvolvimento comunitário.

Ao reconhecer as comunidades como ambientes permanentes de produção e compartilhamento do conhecimento, a proposta também dialoga com agendas contemporâneas voltadas ao desenvolvimento sustentável, especialmente aquelas que valorizam a participação social, a preservação dos saberes locais e a construção colaborativa de soluções para desafios

complexos. Dessa forma, as implicações do estudo ultrapassam o campo estritamente acadêmico e oferecem subsídios para pesquisadores e profissionais interessados em desenvolver práticas orientadas pela aprendizagem coletiva, pela valorização das experiências comunitárias e pelo fortalecimento dos processos sociais de produção do conhecimento.

6.3 IMPLICAÇÕES GERENCIAIS

As implicações gerenciais deste estudo decorrem da possibilidade de utilizar o modelo teórico-analítico como instrumento de apoio à formulação, implementação e avaliação de iniciativas fundamentadas na produção e no compartilhamento do conhecimento em contextos comunitários. Ao evidenciar os processos que estruturam a construção coletiva dos saberes, o modelo oferece aos gestores uma perspectiva integrada para compreender como diferentes atores sociais produzem, compartilham, apropriam-se e transformam conhecimentos em benefício das comunidades.

No âmbito da gestão pública, a proposta pode subsidiar o planejamento de políticas voltadas ao fortalecimento do patrimônio cultural, da educação comunitária e da promoção da saúde, favorecendo a elaboração de ações mais participativas e alinhadas às especificidades dos territórios. Ao reconhecer os conhecimentos produzidos pelas próprias comunidades como recursos estratégicos para o desenvolvimento local, o modelo contribui para ampliar a participação social na formulação de programas e projetos públicos.

Em instituições de ensino e pesquisa, especialmente nas universidades, o modelo oferece suporte para o desenvolvimento de programas de extensão, projetos de pesquisa e ações de inovação social orientadas pela construção colaborativa do conhecimento. Sua aplicação favorece a aproximação entre universidade e comunidade, fortalecendo processos de coprodução do conhecimento e ampliando a valorização dos saberes produzidos em diferentes contextos socioculturais.

No campo da saúde e da cultura, o modelo pode contribuir para a organização de iniciativas que envolvam educação em saúde, valorização de conhecimentos tradicionais, preservação do patrimônio cultural e fortalecimento de práticas comunitárias. Ao identificar os processos que favorecem a produção, a mediação e o compartilhamento dos saberes, gestores podem estruturar ações capazes de estimular a aprendizagem coletiva, ampliar o diálogo entre diferentes atores e fortalecer redes locais de colaboração.

Por sua natureza interdisciplinar, o modelo também pode apoiar organizações da sociedade civil, instituições culturais, escolas, museus, associações comunitárias e demais organizações comprometidas com o desenvolvimento territorial. Nesses contextos, sua utilização permite identificar potencialidades, fortalecer redes colaborativas e orientar estratégias voltadas à valorização dos conhecimentos locais, favorecendo ambientes mais participativos e sustentáveis para a produção e circulação dos saberes.

Ao deslocar a Gestão do Conhecimento de uma perspectiva exclusivamente organizacional para uma abordagem orientada aos processos sociais, este estudo amplia as possibilidades de atuação dos gestores em diferentes contextos comunitários. Mais do que administrar informações ou recursos intangíveis, a gestão passa a concentrar-se na criação de condições que favoreçam a aprendizagem coletiva, a mediação do conhecimento e o fortalecimento das capacidades locais, contribuindo para processos mais inclusivos de desenvolvimento social e produção compartilhada do conhecimento.

6.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E ESTUDOS FUTUROS

Este estudo apresenta limitações inerentes ao seu delineamento teórico-conceitual. A proposição do modelo analítico fundamenta-se na integração crítica da literatura, não contemplando sua validação empírica em comunidades ou contextos institucionais específicos. Dessa forma, as relações estabelecidas entre os processos de produção, compartilhamento, mediação, apropriação, aprendizagem e transformação do conhecimento constituem uma síntese conceitual derivada da literatura analisada, cuja aplicabilidade deverá ser examinada em investigações futuras.

Outra limitação refere-se ao escopo da revisão bibliográfica, direcionada à articulação entre os referenciais da Gestão do Conhecimento e os campos do patrimônio, da saúde e da educação. Embora a literatura da Gestão do Conhecimento tenha ampliado seu diálogo com diferentes áreas nas últimas décadas, observa-se que a maior parte das pesquisas permanece concentrada em ambientes organizacionais, existindo reduzido esforço teórico voltado à construção de modelos capazes de interpretar processos comunitários de produção e compartilhamento do conhecimento.

Como agenda de pesquisa, recomenda-se a realização de estudos empíricos que permitam validar e aperfeiçoar o modelo teórico-analítico em diferentes realidades socioculturais, utilizando abordagens qualitativas, quantitativas ou métodos mistos.

Investigações comparativas entre comunidades, instituições culturais, serviços de saúde, organizações educacionais e iniciativas de desenvolvimento territorial poderão contribuir para identificar especificidades contextuais e ampliar a capacidade explicativa do modelo.

Também se recomenda explorar a aplicação da proposta em pesquisas voltadas à inovação social, à governança colaborativa, à extensão universitária, à preservação de patrimônios culturais e ao fortalecimento de redes comunitárias de aprendizagem. Essas investigações poderão aprofundar a compreensão sobre o papel da Gestão do Conhecimento na promoção de processos participativos, na valorização dos saberes locais e na construção de soluções coletivas para desafios sociais complexos.

Por fim, espera-se que o modelo apresentado neste estudo estimule novas pesquisas voltadas à ampliação do campo de aplicação da Gestão do Conhecimento, contribuindo para consolidar uma agenda científica capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento sem perder de vista os fundamentos conceituais que estruturam a disciplina. Ao reconhecer as comunidades como ambientes permanentes de produção e compartilhamento do conhecimento, abre-se espaço para o desenvolvimento de novas abordagens teóricas e empíricas que fortaleçam o diálogo entre a Gestão do Conhecimento e os desafios contemporâneos relacionados ao desenvolvimento social, à aprendizagem coletiva e à sustentabilidade dos saberes.

7. REFERÊNCIAS

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões** (2. ed.). São Paulo: SENAC, 2003.

DAVALLON, J. **Le don du patrimoine: Une approche communicationnelle de la patrimonialisation**. Paris: Hermès-Lavoisier, 2007.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Working knowledge: How organizations manage what they know**. Boston: Harvard Business School Press, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÖNNQVIST, A.; JACKSON, T.; SCHIUMA, G. **Key development areas for the growing and maturing knowledge management research field: creativity, relevance and impact**. Knowledge Management Research & Practice, 2022.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.

SCHIUMA, G.; JACKSON, T.; LÖNNQVIST, A. **Managing knowledge to navigate the coronavirus crisis**. Knowledge Management Research & Practice, 19(4), 409–414, 2021.

SECUNDO, G.; MELE, G.; VECCHIO, P. D.; ELIA, G.; MARGHERITA, A.; NDOU, V. Threat or opportunity? A case study of digital-enabled redesign of entrepreneurship education in the COVID-19 emergency. Technological Forecasting and Social Change, 166, 120565, 2021.

SMITH, L. **Uses of heritage**. London: Routledge, 2006.

TORRACO, R. J. **Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples**. Human Resource Development Review, 4(3), 356–367, 2005.

WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.